

## FAZER NA CABEÇA": USO METAFÓRICO E NEGATIVO<sup>1</sup>

Jorge M. de Oüveira-Castro<sup>2</sup>  
Universidade de Brasília

**RESUMO** - A análise do conceito "fazer na cabeça" na linguagem cotidiana revela que seu uso é metafórico, pois não se refere a nada dentro do corpo, e negativo, pois indica a não ocorrência de comportamentos que ocorriam anteriormente. Estas características do uso do conceito têm gerado algumas confusões conceituais em psicologia. Em vista desta análise, sugere-se a investigação das condições necessárias e suficientes para o desaparecimento de respostas intermediárias.

**Palavras-chave:** análise conceitual, memória, internalização, respostas intermediárias, pensamento.

### "TO DO IN THE HEAD": METAPHORICAL AND NEGATIVE USAGE

**ABSTRACT** - The analysis of the concept "to do in the head" in ordinary language reveals that its usage is metaphorical, for it does not refer to anything inside the body, and negative, for it indicates the non-occurrence of behavior that used to occur. These characteristics of the usage of the concept have led to some conceptual confusions in psychology. In view of this analysis, the investigation of the necessary and sufficient conditions for the disappearance of intermediate responses is suggested.

**Key-words:** conceptual analysis, memory, internalization, intermediate responses, thinking.

Muitas das dificuldades filosófico-teóricas em psicologia podem ser resolvidas explicitando-se a lógica do uso de conceitos psicológicos na linguagem cotidiana. Antigos problemas epistemológicos, tais como "conhecimento racional *versus* empírico" e a possibilidade de *conhecimento absoluto*, são em grande parte esclarecidos quando se reconhece que os termos *conhecimento*, *certeza*, *sensação* e *observação*, como a grande maioria dos termos da linguagem cotidiana, admitem vários usos diferen-

<sup>1</sup> Este trabalho contou com auxílio do CNPq (Proc. 300439/89-0, 402719/90-5).

<sup>2</sup> Endereço: Departamento de Processos Psicológicos Básicos, Instituto de Psicologia, Universidade de Brasília, Brasília, DF, 70910, Tel: 348-2625/272-0043.

tes, os quais não têm necessariamente algo em comum, e que o filósofo os usa de uma forma peculiar (Austin, 1946; 1962; Ryle, 1949; Wittgenstein, 1953). Conceitos psicológicos, tais como *inteligente*, *ambicioso*, *motivado*, *propósito*, *memória*, entre muitos outros, deixam de ser mistérios filosóficos, na medida em que a lógica de conceitos disposicionais abertos é melhor compreendida (Harzem, 1986; Peters, 1958; Ryle, 1949). A distinção entre verbos ativos (ou de ação) e verbos *adverbiais*, proposta por Ryle (1979), elucida parte dos problemas associados a conceitos como "ter intenção de", "prestar atenção", e alguns dos usos de "pensar". Esse trabalho de explicitação da lógica dos usos de conceitos psicológicos na linguagem cotidiana, desenvolvido pela filosofia da linguagem nos últimos 50 anos, possibilita, entre outras coisas: 1) separar questões conceituais de questões empíricas (Harzem e Miles, 1978), evitando assim grande parte das confusões teóricas em psicologia; e 2) formular questões empíricas relevantes, na medida em que torna possível a identificação dos fenômenos aos quais os conceitos se relacionam (Oliveira Castro, 1989; Oliveira Castro e Harzem, no prelo).

O conceito *fazer mentalmente* ou "fazer na cabeça", freqüentemente utilizado na linguagem cotidiana, talvez seja um dos conceitos mais intrigantes para as teorias psicológicas. A seguir, algumas das características do uso deste conceito na linguagem cotidiana são analisadas, e questões empíricas decorrentes desta análise, sugeridas.

### "Na cabeça"

Quando resolvemos problemas aritméticos mentalmente, é comum dizermos que os números que foram adicionados e subtraídos estavam *na cabeça* e não no papel; após ouvirmos uma melodia por muito tempo, é comum dizermos que ainda temos a melodia *na cabeça*. Também é *na cabeça* que guardo rostos e números de telefone, que preparo argumentos para reuniões, que conto as portas para indicar a alguém como chegar ao lavatório.

Ao analisar o uso destas expressões na linguagem cotidiana, Ryle (1949) ressaltou duas características importantes. Em primeiro lugar, o uso destas expressões é metafórico. Ninguém acredita que quando eu tenho uma melodia na cabeça, um cirurgião poderia encontrar uma pequena orquestra no meu crânio ou escutar uma melodia abafada com o auxílio de um estetoscópio. Quando resolvo problemas aritméticos mentalmente ninguém espera que os números que multiplico possam ser radiografados. Tampouco espera-se encontrar no cérebro a fotografia do rosto que gravei. Estas são expressões metafóricas, algumas vezes acompanhadas de sentenças do tipo "é como se ... a música estivesse tocando ... eu pudesse ver os números ... eu estivesse vendo o rosto". O mesmo tipo de metáfora é usada pelo poeta, quando diz que ela tem lábios de mel; ninguém o indagaria sobre o tipo de abelha.

Tem sido algumas vezes sugerido que, apesar de não encontrarmos melodias e números no cérebro de alguém, ocorrem processos fisiológicos correspondentes a melodias e números, e a tarefa do pesquisador é descobri-los. Seria, obviamente, insustentável afirmar que nada ocorre dentro do corpo de uma pessoa viva; sabe-se que há grande quantidade de atividade fisiológica. O que pode ser afirmado, no entanto, é que os termos da linguagem cotidiana não têm como função descrever eventos

dentro do corpo humano. O que ocorre no cérebro tem sido geralmente descrito em termos de *sinapses*, *neurônios*, *hormônios*, ou seja, com a linguagem técnica da fisiologia. Procurar dentro do corpo pelos fenômenos que correspondem aos termos da linguagem cotidiana seria semelhante a classificar as espécies de aves usando a lista de supermercado ou jogar futebol seguindo as regras de xadrez. Não porque não haja nada dentro do corpo humano, mas porque os termos da linguagem cotidiana não se referem a nada dentro do corpo.

A segunda característica do uso da expressão "*na cabeça*", ressaltada por Ryle (1949), é a sua função negativa, indicando que algo não ocorreu. "Paulo resolveu os problemas aritméticos mentalmente (ou na cabeça)" descreve o fato de Paulo ter solucionado os problemas *sem* olhar ou escrever números no papel, no quadro-negro, na calculadora, no computador, na parede, ou no chão. Quando digo que "tenho o número do telefone de Maria na cabeça (ou guardado na cabeça ou memorizado)" estou dizendo, entre outras coisas, que ao ser perguntado pelo número posso dizê-lo *sem* perguntar a alguém, olhar a minha agenda, ou consultar a lista telefônica. "Ter uma melodia na cabeça" é como cantá-la *sem* produzir sons; "preparar argumentos na cabeça" é como falar *sem* som ou pessoa presente. Nas palavras de Ryle (1949): "Silent soliloquy is a flow of pregnant non-sayings" (p.269).

### "Na cabeça" e a Psicologia

Esses aspectos metafórico e negativo do uso de tais expressões parecem ter gerado problemas teóricos, possivelmente os mais difíceis em psicologia. Não considerando que o uso de tais expressões é metafórico e se caracteriza fundamentalmente por indicar a não ocorrência de algo (sons, imagens, números, etc), muitas teorias baseiam-se em modelos metafóricos (portanto apenas substituindo uma metáfora por outra), nos quais esses "*algos*" são descritos como ocorrendo em um outro tipo de lugar, o qual não é físico, mas, conceitual. A mente humana já foi metaforizada como um sistema de filtros (Broadbent, 1958), um computador (Anderson, 1986), e, até mesmo, uma biblioteca (Anderson e Milson, 1989). A *memória*, sendo erroneamente interpretada como um lugar (conceitual) onde são armazenados aqueles "*algos*", já foi subdividida em curta, longa, episódica, semântica, de reconhecimento, de lembrança, autobiográfica, automática, controlada, auditiva, visual, de rostos, de figuras, de palavras, de sentenças, de histórias, entre outros (cf., Horton e Mills, 1984; Johnson e Hasher, 1987). A sugestão, por diferentes autores, de tantos tipos de "*memória*", em níveis tão diferentes, talvez seja uma indicação da seriedade da confusão conceitual na área. O maior problema relacionado a este tipo de teoria é a própria pergunta que tentam responder - a saber, "*qual é a estrutura e como funciona esse lugar (metafórico) para onde as coisas memorizadas e interiorizadas vão?*". Se a análise conceitual apresentada até aqui estiver correta, as coisas não vão a lugar nenhum; elas simplesmente deixam de ocorrer. Novamente é necessário afirmar que mudanças no organismo provavelmente ocorrem; essas mudanças, no entanto, não consistem em acrescentar ao cérebro números, melodias, palavras, ou imagens. Esta linguagem simplesmente não se aplica às coisas que ocorrem no cérebro.

Uma crítica semelhante pode ser dirigida a teorias que se referem a tais fenômenos,

descritos como ocorrendo "na cabeça", adotando revisões dos conceitos de *comportamento*, *ambiente*, *estímulo* e *resposta*. Para Skinner (1974/1982), por exemplo,

pensar é comportar-se ... porém, o termo se refere a um comportamento acabado que ocorre em escala tão pequena que não pode ser detectado por outras pessoas. Tal comportamento é chamado de oculto ('encoberto seria uma tradução melhor; p. 92).

De acordo com esta abordagem, estímulos e respostas podem ser públicos ou privados (Johnson e Pennipacker, 1980; Skinner, 1974) e haveria um mundo dentro e outro fora da pele (Skinner, 1974; Todorov, 1989). Esta distinção entre público/privado, dentro/fora, interno/externo, ou encoberto/'descoberto'(?), só pode ser interpretada como uma metáfora, pois termos como *ver*, *falar*, *argumentar*, entre outros, não se referem a coisas dentro do organismo, nem mesmo quando acompanhados pelos adjetivos *privado* ou *encoberto*. Procurando também explicar o destino dos comportamentos que *desaparecem*, este tipo de teoria parece gerar confusões conceituais semelhantes, pondo em risco, inclusive, a utilidade dos conceitos de *estímulo*, *resposta*, *ambiente* e *comportamento*, pois estes passariam a ter dois sentidos diferentes: um literal e um metafórico.

Mas haveria algo errado no uso de metáforas? Claro que não. A metáfora poética pode ter funções estéticas e afetivas. A metáfora teórica pode ter funções didáticas e heurísticas. O problema parece surgir quando investigações empíricas procuram descobrir a estrutura e o funcionamento de lugares e coisas metafóricas.

Apesar das divergências de abordagem teórica e das confusões e/ou clarezas conceituais, parece existir um consenso geral sobre pelo menos um aspecto relacionado aos *fenômenos* descritos, na linguagem cotidiana, como ocorrendo *na cabeça*: Os comportamentos ou coisas que ocorrem *na cabeça*, *dentro*, *privadamente*, *encobertamente*, *internamente*, ou *abreviadamente*, antes ocorreram *abertamente*, *fora*, *publicamente*, *descobertamente*, *externamente*, ou *não-abreviadamente*. Números, palavras ou rostos memorizados foram necessariamente apresentados *externamente* antes de serem *internalizados*. De acordo com vários autores, a fala que produz sons e conseqüências no ambiente precede necessariamente a fala silenciosa (ou seja, o pensamento) (Skinner, 1974; Vygotsky, 1986). Nas palavras de Ryle (1949):

This trick of talking to oneself in silence is acquired neither quickly nor without effort; and it is a necessary condition of our acquiring it that we should have previously learned to talk intelligently aloud and have heard and understood other people doing so. Keeping our thoughts to ourselves is a sophisticated accomplishment, (p.27)

### Questões empíricas

Pode-se concluir da análise apresentada que a expressão *fazer ou guardar algo na cabeça* descreve a não ocorrência de partes de uma seqüência de comportamento que ocorriam previamente. Partes da seqüência *desaparecem*. Lemos ou ouvimos números de telefones antes de memorizá-los; *memorizá-los* implica, na maioria das vezes, ser capaz de dizê-los sem mais ler. A seqüência de comportamentos poderia ser a seguinte: 1. Alguém me pergunta o telefone de Maria; 2. Leio o número na agenda; 3. Digo o número à pessoa. A partir daí, alguma coisa acontece (muito provavelmente a repetição desta seqüência), e o comportamento descrito em 2 desaparece, i.e., alguém me pergunta o telefone e eu o digo sem consultar a agenda. Como isto é possível? Ou seja, quais são as condições necessárias e suficientes para que 3

ocorra ocorrendo 1, sem que 2 ocorra? Esta parece ser uma pergunta empírica legítima, i.e., investigável, que difere muito de *Para onde foi 2?*. A melhor maneira de investigar empiricamente *algo que não mais ocorre* talvez seja identificar as condições anteriores e posteriores ao desaparecimento. Para compreender o movimento de uma bola de bilhar, é necessário levar em consideração as relações entre o movimento desta bola e o movimento de uma outra bola antes do choque entre elas. Cabe ressaltar que apesar do movimento da primeira bola e o choque entre elas não mais *existirem* a segunda bola pode estar se movendo. O mistério é grande quando se olha apenas para a segunda bola. No exemplo de memorização talvez seja possível identificar relações ordenadas entre as condições durante o treino e as propriedades da resposta final (dizer o número sem olhar a agenda). Por quanto tempo tal resposta pode ocorrer sem que a resposta intermediária (olhar a agenda) volte (intervalo de retenção)? Quais são as variáveis que influenciam o reaparecimento da resposta intermediária (interferências)? Ironicamente, esta parece ter sido a abordagem nas primeiras investigações sobre memória (Ebbinghaus, 1885/1964), injustificadamente abandonada.

O exemplo apresentado acima, i.e., memorizar um número de telefone, parece ser mais simples do que *preparar um discurso mentalmente* ou *resolver equações algébricas de cabeça*. Intuitivamente, parece haver mais coisas *internas* na preparação de um discurso e na resolução de equações do que na memorização de um número, o que faz com que sejam casos mais misteriosos. Cabe ressaltar, no entanto, que ter *um número de telefone* também parece ser mais simples e menos misterioso do que *escrever um discurso* e *resolver equações* no papel. Ou seja, quando estes comportamentos ocorrem *abertamente* eles continuam parecendo mais, ou menos, complexos. Neste sentido, a distinção entre comportamento complexo e simples não está relacionada necessariamente à distinção entre *público* e *privado*. *Resolver equações* envolve geralmente longas seqüências de comportamento, a cada elo das quais vários caminhos são possíveis e, freqüentemente, apenas um leva à solução do problema. *Preparar um discurso* envolve longas seqüências, sem que haja uma distinção nítida entre seqüências certas e erradas. Não há, portanto, a princípio, nenhuma justificativa para assumir que as variáveis que influenciam o *desaparecimento* de elos das seqüências sejam diferentes dependendo da *complexidade* da seqüência. Qualquer resposta seria, neste momento, precipitada, pois estas são questões empíricas. Se algumas das variáveis que influenciam este *desaparecimento* de respostas nos casos mais simples fossem identificadas, seus efeitos em casos mais complexos precisariam ser testados empiricamente. Para iniciar investigações empíricas, casos mais simples parecem ser sempre recomendáveis.

## REFERÊNCIAS

- Anderson, J.R. (1986). *Cognitive Psychology*. New York: W.H. Freeman and Company.
- Anderson, J.R., & Milson, R. (1989). Human memory: an adaptive perspective. *Psychological Review*, 96,703-719.
- Austin, J.L. (1946). *Other Minds*. Em *Other Minds*. Oxford: Clarendon Press.

- Austin, J.L. (1962). *Sense and sensibilia*. London: Oxford University Press.
- Broadbent, D.E. (1958). *Perception and communication*. Oxford: Pergamon Press.
- Ebbinghaus, H. (1964). *Memory: A contribution to Experimental Psychology*. New York: Dover Publications, (original publicado em 1885).
- Harzem, P. (1986). The language trap and the study of pattern in human action. Em T. Thompson, & M.D. Zeiler (Orgs.) *Analysis and integration of behavioral units*. Hillsdale, NJ: Erlbaum.
- Harzem, P., & Miles, T.R. (1978). *Conceptual issues in Operant Psychology*. New York: John Wiley & Sons.
- Horton, D.L., & Mills, C.B. (1984). Human learning and memory. *Annual Review of Psychology*, 35, 361-394.
- Johnson, M.K., & Hasher, L. (1987). Human learning and memory. *Annual Review of Psychology*, 38, 631-668.
- Johnston, J.M., & Pennipacker, H.S. (1980). *Strategies and tactics of human behavioral research*. Hillsdale, NJ: Lawrence Erlbaum Associates.
- Oliveira Castro, J.M. (1989). *Individual differences in estimates of performance: Effects of changes in response-produced cues*. Unpublished doctoral dissertation, Auburn University, Alabama.
- Oliveira Castro, J.M., & Harzem, P. (no prelo). Level of aspiration and the concept of goal. *Mexican Journal of Behavior Analysis*, special issue.
- Peters, R.S. (1958). *The concept of motivation*. London: Routledge & Kegan Paul.
- Ryle, G. (1949). *The concept of mind*. London: Hutchinson & Co.
- Ryle, G. (1979). *On thinking*. Totowa, NJ: Rowman & Littlefield.
- Skinner, B.F. (1974). *About Behaviorism*. New York: Alfred A. Knopf, (traduzido pela Cultrix e EDUSP em 1982).
- Todorov, J.C. (1989). A psicologia como o estudo de interações. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, 5, 347-356.
- Vygotsky, L. (1986). *Thought and language*. Cambridge: MIT Press, (publicado originalmente em 1934).
- Wittgenstein, L. (1953). *Philosophical investigations*. New York: Macmillan.

---

Recebido em 16.12.91

Aceito em 16.12.91